

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

ADOLESCÊNCIA: TEMPO DE ESPERA¹ **ADOLESCENCE: A WAITING TIME**

Lucas Cavalheiro Kryzozun², Jenaína Tres³, Renan Martins De Melo⁴, Alexa Fagundes Dos Santos⁵

¹ Projeto de Iniciação Científica realizado no curso de Psicologia da Unijuí.

² Estudante do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí.

³ Estudante do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí.

⁴ Estudante do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí.

⁵ Estudante do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí.

INTRODUÇÃO

Não unicamente a incerteza do próprio destino é conferida ao adolescente, mas também lhe é exigido que seja feliz durante esse período, mesmo com todas as frustrações e inseguranças que lhes são incumbidas no ínterim da passagem para a vida adulta. Não apenas isso, mas todas as suas realizações não recebem o mesmo mérito daquelas feitas pelos adultos, afinal para os olhos da sociedade ele ainda está em preparo, é apenas um “adulto em treinamento”. Para Calligaris (2000), a idealização da posição do adolescente é um mistério: como podem os adultos verem essa época como sendo de maior felicidade da vida de um sujeito?

Busca-se, a partir deste resumo, provocar, minimamente, uma reflexão sobre as principais questões que perpassam a adolescência como um ideal cultural de uma sociedade que preza pelo individualismo e liberdade, e o sujeito em constituição psíquica por trás dessa roupagem construída pelo social. Nesse sentido, propõem-se dizer que há dois elementos que se articulam mas não se equivalem, de um lado a adolescência “(...) prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam” (CALLIGARIS, 2000, p. 9) e do outro, o próprio adolescente enquanto sujeito em constituição

METODOLOGIA

Trata-se da análise conceitual das temáticas referentes a adolescência, realizada a partir de pesquisa bibliográfica aliada a interrogações que emergiram do campo de estágio curricular obrigatório e projeto de extensão, tomando como base autores do campo psicanalítico como Freud, Gutierrez, Calligaris, Rassial, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

É recorrente a confusão entre os conceitos de puberdade e adolescência, por isso se faz necessário, mais uma vez, diferenciá-los. Puberdade se refere a mudanças físicas, crescimento e mutações corporais produzidas por hormônios específicos, alterações na voz, amadurecimento cerebral, ou seja, ligado essencialmente ao aspecto biológico do corpo humano.

A adolescência, por sua vez, é todo o conjunto de transformações, um fenômeno cultural (CALLIGARIS, 2000); já a puberdade se apresenta como um momento de recolocação da sexualidade que foi restrita no período da latência, período onde as tensões sexuais são parcialmente dessexualizadas através da sublimação, possibilitando o direcionamento da energia psíquica para processos de aprendizagens. Na puberdade, as perguntas sobre sexualidade, que se iniciaram na infância, são reatualizadas e a falta de uma resposta definitiva para elas traz uma crise que nossa sociedade chama de adolescência.

A adolescência para a teoria psicanalítica, descrita como uma crise, ganha um lugar especial.

[...] lugar este que não nega a existência de um tempo específico no qual o sujeito terá de estabelecer rearranjos simbólicos e imaginários diante do real pubertário, da exigência de uma re-elaboração da castração, e da necessidade de certa ruptura com os pais e de inserção ampla no campo social (GUTIERRA, 2014, p. 21).

Trata-se de um tempo onde o adolescente é dado a ver com sua própria imago infantil que agora não o representa mais, pois, o real da puberdade se impõe, transformando o seu corpo. Assim como também não reconhece mais os outros que o cercam, inicialmente representados pelas figuras parentais, e que precisam ser ressignificados, além de, pela primeira vez, ser surpreendidos com o real do sexo.

Há outras questões pertinentes a constituição psíquica e a adolescência, porém, tentaremos discutir a partir desses quatro eixos principais: luto pelos pais idealizados, luto pelo corpo infantil, elaboração do real do sexo e o lugar do adolescente na cultura.

Freud, em seu texto *Romances Familiares*, irá comentar que para as crianças pequenas os pais constituem a única fonte de conhecimento, a criança vê os pais como fortes, sábios e imbatíveis, ou seja, atribui a estes, qualidades inabaláveis e deseja tornar-se como eles. Na adolescência essa idealização dos pais precisa, de certa forma, colocar-se em questão, “Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento” (Freud, 1996, p. 219).

É fundamental para a vida adulta o luto pela perda dos pais ideais da infância, ou seja, aquele pai super-herói, invencível, que pode tudo e que irá protegê-lo. Essa perda dos pais idealizados da infância trata-se de uma desconstrução, nada pacífica, da imagem suposta aos pais, essa desconstrução que possibilita a separação do sujeito adolescente das figuras parentais e permite a inserção desse em um novo campo de reconhecimento: o campo social.

Para Gutierrez, (2014, p.39) “[...] o sujeito deve responsabilizar-se por sua palavra e sustentar-se enquanto sujeito desejante, numa ética de prestar contas de seus atos e palavras”, ou seja, falar

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

em nome próprio sem estar protegido ou organizado pelo discurso parental.

Com o desenvolvimento da intelectualidade o sujeito começa a notar a existência de outros adultos, outros pais e compara com os seus, iniciando então um movimento de questionar-se sobre as qualidades dos seus próprios pais e introduzir novos modelos psíquicos, encontrados nesse novo espaço de vivência que é o social, geralmente vinculado a figura de um amigo, um professor.

O adolescente é, então, chamado a responder em nome próprio, ressitando-se diante da cadeia significativa que o constituiu, num processo de engendramento de novos nomes-do-pai, ou seja, um processo no campo simbólico (GUTIERRA, 2014, p. 39).

Além disso, Rassial (2005) aponta para uma mudança de estatuto e de valor do corpo na adolescência. O corpo sofre modificações e a genitalidade ganha uma posição dominante para o sujeito, pois é no reconhecimento de pertencer a um dos dois sexos que o ser humano conquista sua identidade. A estruturação da imagem do corpo que aconteceu no estágio do espelho é dada a ver, por isso esse processo de transformação do estatuto e do valor do corpo imaginário na adolescência é nomeado por Rassial como só-depois do estágio do espelho, tratando-se de um segundo tempo no processo identificatório do sujeito.

Na adolescência há um reconhecimento que existe uma sexualidade, não mais ligada a um adulto distinto, mas como algo que organiza sua própria posição psíquica e sua relação com o falo - significativo do desejo - "Trata-se de um tempo de ressignificar esta posição - lado homem ou mulher no quadro da sexuação - e responder com base nela" (GUTIERRA, 2014, p. 37), sendo assim, uma forma de se colocar no mundo.

Ao mesmo tempo que o sujeito se situa em um dos lados da sexuação ele se depara com o real do sexo, representado na impossibilidade de obter um gozo total, ou seja, o gozo que ele vivência é um gozo fálico, parcial. Gutierrez (2014) segue dizendo que há uma falha na tentativa de uma relação sexual como realização de um gozo absoluto, da ordem da completude, o que ocorre é a descoberta que a fantasia infantil de encontro com o objeto perdido de plena satisfação, representado na primeira infância pelo seio materno, não poderá ser recuperado, e as formas de satisfação serão sempre parciais, essa descoberta acontece na adolescência e precisa ser elaborada.

O que sustenta a criança, permitindo desenvolvimento imaginários e ancoragens simbólicas, era a promessa de que, mais tarde, ao preço de uma renúncia provisória, ela teria acesso a um verdadeiro gozo. O adolescente descobre a futilidade desta promessa: embora ele tenha acesso à genitalidade, o outro -objeto de seu desejo- e o Outro - ao qual ele vota o amor que almeja em retorno- não são reconciliados no ato dito sexual" (RASSIAL, 2005, p. 203).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

É nesse momento que o adolescente constata a impossibilidade de recuperar o objeto perdido e precisa desenvolver um investimento psíquico para elaborar essa antiga condição que agora é permanente que lhe é apresentada, ou seja, na adolescência o sujeito está, ainda, às voltas com a castração, resultado do Complexo de Édipo.

Esse período preenche um espaço enigmático da passagem da infância para a vida adulta, que difere de outras culturas que retratam essa transição através de rituais de iniciação, onde o jovem passa por provas para ser aceito socialmente como adulto (CALLIGARIS, 2000). No entanto, em nossa cultura, é reservado um período de preparação, onde o adolescente deve apenas esperar. Não pode ser mais criança, afinal suas feições mudaram, porém também não pode se equipar aos adultos, já que não lhe é permitido socialmente ocupar essa posição. E essa espera coagida pelo dever, é de duração indefinida: o jovem encara um embargo de seu próprio futuro, “desta forma, o adolescente entra num período de suspensão, preparando-se ad infinitum para um futuro que ninguém sabe ao certo quando chegará” (BACKES, 2011, p. 43).

Calligaris (2000) conceitua a adolescência como uma moratória, ou seja, esse período de espera, onde o sujeito mesmo tendo capacidade de assumir a posição de adulto, lhe é negado esse direito. Isso gera uma rivalização entre o indivíduo, que agora se vê sem um lugar, e o social que o proíbe. Ainda nesse sentido, a promessa de que renunciando ao gozo no momento, teria um gozo maior no futuro, bem como coloca Rassial (1997, p. 50): “Não faça isso ou aquilo, renuncie ao gozo da Mãe, renuncie à satisfação imediata dos fantasmas edípicos, porque, mais tarde quando cresceres, terás direito a um gozo de maior valor libidinal”, é apresentada como uma problemática, visto que é uma promessa enganadora do Outro, e o adolescente sabe disso, potencializando essa rivalização. Um exemplo dessa proposta de renúncia ao gozo é a proibição do acesso às drogas lícitas (álcool e cigarro) antes da maioridade, que mesmo tendo base científica devido a maturação cerebral do indivíduo, o enunciado de proibição é o que leva o jovem ao consumo, numa tentativa de contrariar o que vem desse Outro rivalizado, e “A interdição seletiva dessas drogas aos adolescentes é vivida como parte do processo de sua infantilização, uma vez que o cigarro e álcool são liberados para os adultos” (CALLIGARIS, 2000, p. 45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto a adolescência surge na modernidade quase como um fenômeno universal, é um conceito moderno, produção do século XX, que contrapõem os rituais de passagem tradicionais que marcavam a mudança da posição criança-adulto em outras culturas. Hoje ela pode ser pensada como um tempo de espera que permite, de certa forma, um processo singular e pessoal de subjetivação, respeitando o tempo de cada sujeito, ou seja, existe uma abertura para soluções particulares.

Por outro lado, havendo esse espaço de possibilidades do adolescente situar-se singularmente, a cultura oferece uma pluralidade de imagens vinculadas ao que é ser adolescente hoje, e o sujeito acaba se perdendo um pouco frente a essa quantidade infinita de elementos identificatórios fornecidos pela cultura, pois agora não há mais um ritual que ofereça uma resposta, uma direção única, mas sim um ideal, quase impossível, que os jovens tendem a perseguir.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Levando-se em consideração esses aspectos, todo profissional que trabalha com adolescentes, seja psicólogo, professor e/ou educador precisa ter conhecimento do que está em jogo nessa fase de desenvolvimento que implica em “escolhas” importantes e decisivas, ao mesmo tempo em que o sujeito está envolto com processos psíquicos conflituosos que causam angústia e sintomas. É de fundamental importância compreender a adolescência para poder suportar a demanda que vem desse tempo do sujeito e como profissional fazer as intervenções necessárias sem ferir ou complicar esse processo que já é bastante doloroso.

PALAVRAS CHAVES: adolescente; sujeito; desenvolvimento psíquico; cultura.

REFERÊNCIAS

BACKES, C. **O que consome o adolescente?**. 2011. 145 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2011.

CALIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

FREUD, S. (1908). **Romances familiares**. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. I

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Inícios Na Psicanálise Com Adolescentes**: Clínica e Supervisão. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. 182 p. v. 1.

RASSIAL, J. J. **A Passagem Adolescente**: Da Família Ao Laço Social, Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1997. 198p.

RASSIAL, J. J. **O Adolescente e o Psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 216p.